

## 9

## CULTURA, DIALOGISMO E DIVERSIDADE NAS TIRINHAS DE ARMANDINHO: POSSÍVEIS VARIAÇÕES DE EFEITOS DE SENTIDO

### CULTURA, DIALOGISMO Y DIVERSIDAD EN LAS TIRAS DE ARMANDINHO: POSIBLES EFECTOS DE VARIACIÓN DE SIGNIFICADO

Ana Paula Ferreira dos Santos\*  
 Ana Paula Santos Duarte de Barros\*\*  
 Orlando Rocha Filho\*\*\*  
 Maria Izabel Ferreira dos Santos\*\*\*\*  
 Valkiria Malta Gaia Ferreira\*\*\*\*\*

**RESUMO:** Presenciamos hoje, na sociedade brasileira, uma forte onda de intolerância à diversidade, de intolerância religiosa (sobretudo às religiões de matrizes africanas), de imposição de um só viés moral conservador religioso, de base evangélica, contrariando a pluralidade de crenças, base da laicidade do Estado Democrático de Direito. Além de ferir um dos fundamentos da Constituição Federal, que é o pluralismo, esses discursos comprometem as liberdades individuais e contrariam o respeito e a valorização das diferenças étnicas. Nesse sentido, num contexto em que é premente o resgate da alteridade em seu conceito antropológico, ou seja, voltado para o outro diferente, propomos uma análise discursiva de duas tirinhas selecionadas de “Armandinho”, personagem de Alexandre Beck, ilustrador e cartunista brasileiro, para abordar temáticas hoje polêmicas em torno da diversidade e da tolerância cultural e religiosa, que tem como base as noções de identidade, alteridade e diversidade. Como base teórica, utilizaremos a teoria dialógica da enunciação, de Bakhtin, em interlocução com teorias de estudo identitário e diversidade na pós-modernidade, de Stuart Hall.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise discursiva. Diversidade. Tolerância Religiosa e Cultural.

**RESUMEN:** Hoy, en la sociedad brasileña, asistimos a una fuerte ola de intolerancia a la diversidad, intolerancia religiosa (especialmente a las religiones de origen africano), la imposición de un sesgo moral conservador religioso único, con base evangélica, contradiciendo la pluralidad de creencias. , base de la laicidad del Estado democrático

\* Mestranda em Dinâmicas Territoriais e Cultura (UNEAL). Pós-graduação em Direitos Humanos e Diversidade (UFAL). Graduação em Direito (CESMAC). Graduanda em Letras (UPE). Analista do Tribunal de Justiça de Pernambuco. Email: paulinha-arapiraca@gmail.com.

\*\* - Doutoranda em Letras (DINTER CESMAC- PUC/MG). Pós-graduação Lato Sensu em Direito Processual (CESMAC). Pós-graduação Lato Sensu em Direito Tributário (UCB). Graduada em Direito (CESMAC). Graduanda em Letras (CESMAC). Professora na Faculdade CESMAC do Agreste. E-mail: anapauladebarros@hotmail.com.

\*\*\* Doutorando em Letras (DINTER- CESMAC-PUC MINAS). Pós-Graduação Lato Sensu em Direito Público (CESMAC). Graduação em Direito (UFAL). Atualmente é Juiz Auxiliar da Presidência do Tribunal de Justiça do Estado de Alagoas e coordenador do curso de Direito da Faculdade Cesmac do Agreste. E-mail: o.rochafilho@gmail.com

\*\*\*\* Doutoranda em Letras (DINTER CESMAC- PUC/MG). Pós-graduação Lato Sensu em Direito Constitucional e Administrativo (CESMAC) e em Gestão Pública (UFA). Graduada em Direito (CESMAC). Graduanda em Letras (CESMAC). Professora da Faculdade Cesmac do Agreste. Email: m.izabeladv@gmail.com.

\*\*\*\*\* Doutoranda em Letras (DINTER- CESMAC-PUC MINAS). Pós-graduação "Lato Sensu" em Direito Processual (CESMAC) e Direito Processual Civil (UNINASSAU). Graduação em Direito (CESMAC). E-mail: valkiria.ferreira@cesmac.edu.br.

de derecho. Además de lesionar uno de los fundamentos de la Constitución Federal, que es el pluralismo, estos discursos comprometen las libertades individuales y contradicen el respeto y valoración de las diferencias étnicas. En este sentido, en un contexto en el que urge el rescate de la alteridad en su concepto antropológico, es decir, frente al otro diferente, proponemos un análisis discursivo de dos tiras seleccionadas de “Armandinho”, personaje de Alexandre Beck, ilustrador brasileño, y caricaturista, para abordar temas actualmente controvertidos en torno a la diversidad y la tolerancia cultural y religiosa, que se fundamenta en las nociones de identidad, alteridad y diversidad. Como base teórica, utilizaremos la teoría dialógica de la enunciación de Bajtín, en diálogo con las teorías del estudio de la identidad y la diversidad en la posmodernidad, de Stuart Hall.

**PALABRAS CLAVE:** Análisis discursivo. Diversidad. Tolerancia religiosa y cultural.

**SUMÁRIO:** Introdução; 1 discurso, dialogismo e alteridade: aspectos teóricos e metodológicos; 2 a tirinha enquanto gênero discursivo; 3 armandinho: cultura, identidade e alteridade na pós-modernidade; 4 possíveis variações de efeitos de sentido nas tirinhas de armandinho; Conclusão; Referências.

## INTRODUÇÃO

Desde a trágica experiência da Segunda Guerra Mundial, com o seu sombrio porão de campos de concentração, projetos eugenistas, perseguição e genocídio de judeus, ciganos e negros, o mundo ocidental, a partir da Declaração de Direitos Humanos de 1948, assinou um grande pacto pela tolerância, pela diversidade, pelo respeito às diferenças, pelo combate ao racismo e à xenofobia. País signatário da Carta de 48, o Brasil reiterou em sua Constituição Federal (CF) de 1988 o respeito à pluralidade étnica, cultural, artística, de crença e de pensamento.

Nesse compasso, é importante lembrar que as sociedades modernas são inerentemente diversas: uma tensa simbiose de povos e etnias, socialmente e culturalmente plurais. E isto não se dá somente nos países colonizados, com suas múltiplas matrizes autóctones, africanas e ocidentais, mas também nas chamadas nações colonizadoras, na Europa.

No entanto, na contramão dessa direção, eis que emerge, na sociedade brasileira, uma forte onda de intolerância à diversidade, de intolerância religiosa (sobretudo às religiões de matrizes africanas), de imposição de um só viés moral conservador religioso, de base evangélica, contrariando a pluralidade de crenças, base da laicidade do Estado Democrático de Direito. Além de ferir um dos fundamentos da CF, que é o pluralismo, esses discursos

comprometem as liberdades individuais e contrariam o respeito e a valorização das diferenças étnicas.

Assim, num contexto em que é premente o resgate da alteridade em seu conceito antropológico, ou seja, voltado para o outro diferente – que não nos reflete, propomos uma análise discursiva de duas tirinhas selecionadas de “Armandinho”, personagem de Alexandre Beck, ilustrador e cartunista brasileiro, para abordar temáticas hoje polêmicas em torno da cultura, da diversidade e da tolerância religiosa, que tem como base as noções de identidade, alteridade e representatividade. Como base teórica, utilizaremos a teoria dialógica da enunciação, de Bakhtin, em interlocução com teorias de estudo identitário na pós-modernidade, de Stuart Hall.

## **1 DISCURSO, DIALOGISMO E ALTERIDADE: ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS**

Cumprir tecer algumas considerações a respeito do que significa analisar um discurso, para em seguida destacar como um texto, imagem ou palavra, enquanto objeto linguístico carregado de historicidade, pode ser compreendido através do processo de construção de sentidos.

A Análise do Discurso (AD) surgiu na França, em 1960, através dos estudos desenvolvidos por Michel Pêcheux que recebeu influências para concebê-la como uma disciplina ou uma disciplina de entremeio como imputa Orlandi (1996, p. 24) que tem como escopo entender como o discurso age, sendo o mesmo analisado como um objeto linguístico, revestido de ideologia e historicidade.

Ressalta-se que o objetivo da AD não é analisar a língua, o formalismo da linguística ou as formas de interpretação de textos, indo além de questões em torno da estruturação de palavras, frases ou períodos, não interessa a organização linguística do texto, mas “o que o texto organiza em sua discursividade, em relação à ordem da língua e das coisas. Não analisamos o sentido do texto, mas como o texto pode produzir sentidos”, afirma Orlandi (1998, p. 11).

A Análise do Discurso busca compreender como o discurso funciona e para isso traz concepções de diversas áreas do conhecimento, não estando atrelada somente à linguística. E o que seria o discurso? Pêcheux (1997, p. 56) consigna que:

O discurso não é um aerólito miraculoso, independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe (...) só por sua existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos: todo

discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço.

Em seus apontamentos, Pêcheux faz uma distinção entre língua e discurso, apresentando-os como elementos que se cruzam reciprocamente, todavia não se emaranham. De forma semelhante, Orlandi (1994), na parte final da introdução, em *Texto e Discurso*, enfatiza que o texto, considerado na perspectiva do discurso, não deve ser visto como uma unidade fechada, uma vez que possui relação com outros textos, com suas condições de produção e com a sua exterioridade constitutiva.

A análise do discurso é uma disciplina que se interessa por estudar o discurso e é considerada uma disciplina de fronteira porque estuda o discurso apoiado em três campos teóricos: a linguística, o marxismo e a psicanálise. Assim, a AD se apoia nos estudos linguísticos de Saussure sobre a língua, no materialismo histórico de Karl Marx e nos estudos do inconsciente propostos por Freud e Lacan. Para Foucault (2005, p. 49):

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar forma do discurso, quanto tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a proposto de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar a interioridade silenciosa da consciência de si.

Eni Orlandi considera que homens e mulheres se constroem historicamente por meio do discurso, que é visto como objeto simbólico. Ainda segundo Orlandi, o discurso é, assim, palavra em movimento, prática de linguagem: “(...) com o estudo do discurso observa-se o homem falando (o que não quer dizer que o discurso é a fala, porque vai além) (...)” (ORLANDI, 2007, p. 42).

Para Bakhtin (1997, p.293), “viver significa participar de um diálogo”. Essa frase é ponto de partida para compreensão da sua teoria dialógica da enunciação, segundo a qual todo dizer, falado ou escrito, não é um ato isolado e individual, mas um fio numa teia infinita de enunciações, retomando dizeres de outros que o antecederam e se dirigindo a outros, sendo a linguagem, pois, um processo dialético inerentemente alicerçado sobre o princípio da alteridade.

Na perspectiva do dialogismo de Bakhtin (1997), língua e linguagem são instrumentos a partir dos quais não apenas expressamos nossos pensamentos e sentimentos, mas, principalmente, atuamos sobre o outro a quem nos dirigimos (discursivamente), visando a alcançar objetivos estabelecidos. Todo dizer é ação dotada de intencionalidade: dizemos para

realizar algo e atuar sobre o mundo em sociedade; é práxis humana que se move para o outro. A língua, nesse sentido, não é apenas um código, ela é um fenômeno social, uma prática de atuação interativa, umbilicalmente vinculada ao contexto, a uma esfera sociocultural.

Sob a perspectiva das teorias bakhtinianas, enunciados são dizeres que partem de um determinado sujeito que ocupa um lugar numa dada sociedade, com uma cultura própria, com uma memória discursiva e ideológica, em um momento histórico. Ou seja, todo dizer se faz ação, que se dirige a outro, que também ocupa um determinado lugar nessa sociedade, com o propósito de atuar sobre esse outro e com uma intenção ou objetivo a ser atingido. E esse enunciado é atravessado pela memória coletiva que semioticamente nos constrói, pelas vozes de tantos outros, e ao mesmo tempo é ressignificado pelo outro a quem se destina. Não há neutralidade nesse processo, é práxis humana sociointerativa, impregnada de intenção, alteridade e responsividade.

Dessa forma, ao apontar a relação entre sujeito, discurso, cultura, história e sociedade, a teoria dialógica da enunciação concebe o fenômeno da linguagem como um processo (inter)subjetivo a partir do qual o sujeito se constitui por meio da alteridade.

Partindo desses pressupostos, constatamos que a alteridade é um princípio constitutivo da linguagem, pois esta se dá na relação com o outro. A palavra alteridade vem do latim, *alter*, que significa “outro”. Traz, assim, a consciência do outro como princípio de identificação de si, a percepção de que o que somos só faz sentido quando em confluência, encontro ou confronto com o outro, numa relação dialética, complexa, e em construção contínua. O princípio da alteridade é basilar no estudo antropológico contemporâneo e, conseqüentemente, em tudo que diz respeito à práxis humana, e é dele que surge a noção de dialogismo.

Na ótica do dialogismo, esse outro a quem nos dirigimos por meio da linguagem não é neutro. Isto é, ele não é meramente um receptor que vai decodificar uma mensagem enviada; não há neutralidade por parte desse outro, nem mesmo quando silencia. O outro a quem nos dirigimos é um interlocutor com o qual estamos interagindo numa relação dialógica e dialética, e que também ressignifica o enunciado e a ele responde (responsividade). Os sentidos, portanto, não estão embutidos nas palavras, como conteúdos em gavetas, mas estão também nas condições de produção do enunciado, no contexto social e histórico, na memória coletiva, nas práxis sociais. Daí, por isso, os sentidos estão sempre em processo de construção quando se diz e que se ouve, em que se escreve e que se lê.

Outras duas concepções fundamentais são “sujeito” e “intersubjetividade”. Necessário lembrar que a ótica epistemológica de Bakhtin parte do materialismo histórico marxista, e que,

portanto, sua concepção de sujeito não se restringe à noção cartesiana de indivíduo uno, mas de sujeito histórico interpelado pelas ideologias do seu tempo e do seu lugar, que o atravessam e que ao mesmo tempo são atravessadas por ele. Mas não é um sujeito ideologicamente condicionado, determinado, é um sujeito que refrata, que responde, que ressignifica, que rompe, que surpreende, que imprime sua subjetividade na materialidade da práxis social em interação com o outro. Mas, para Bakhtin, considerando que a linguagem é um processo que se constrói na alteridade, a intersubjetividade precede a subjetividade, pois a voz desse sujeito se levanta numa cadeia de infinitas vozes. Ou seja, a subjetividade não está centrada no sujeito isoladamente e especificamente, mas no diálogo entre sujeitos.

Nesse passo, é importante pontuar alguns aspectos conceituais e metodológicos. Enunciado não é apenas um dizer que se materializa a partir de um código, uma língua, nem pode ser percebido de forma descontextualizada e estudado sob uma perspectiva meramente estruturalista, pois os sentidos são produzidos em situações reais de produção, na dinâmica da vida em sociedade. Assim, o objeto de investigação não é o sistema, a língua, mas a linguagem, o seu uso.

Partindo dessas premissas, Bakhtin elaborou uma metodologia de análise que tem como ponto de partida o contexto extraverbal, composto por três aspectos: 1) o horizonte espacial comum aos interlocutores (espaço e tempo); 2) o saber comum: o (pré)constituído e o conteúdo temático (com)partilhado; 3) a avaliação (elemento axiológico), isto, a valoração feita a partir da posição dos sujeitos frente à práxis em interação com o outro (BAKHTIN, 1997).

Assim, no processo interpretativo sob a perspectiva dialógica, o elemento verbal funde-se ao extraverbal. Não há interpretação fora do contexto, fora da esfera sociocultural, os sentidos se dão na dinâmica da práxis social, em interação com o outro, considerando-se as regras do jogo, os pressupostos, os lugares de fala, a intenção dos sujeitos, as ideologias vigentes, as contradições, o dito e o não dito, o implícito e o omitido. Como consequência disso, é possível localizar sentidos múltiplos para um mesmo enunciado, a depender das variáveis relacionadas ao elemento extraverbal.

O *corpus* selecionado para esta análise é composto por duas tirinhas de Armandinho, personagem de Alexandre Beck, ilustrador e cartunista brasileiro, que iniciou sua carreira no jornal “Diário Catarinense”, posteriormente, passou a trabalhar para jornais como “Folha de São Paulo”, e, desde 2013, divulga suas tirinhas no seu perfil oficial do Facebook, com uma legião de seguidores. Considerando-se a problemática cerne, que é o crescimento, hoje, de uma onda de intolerância à diversidade, o critério para seleção das tiras foi justamente a abordagem

temática de conteúdos como diversidade étnica, identidade, representatividade e tolerância religiosa.

## 2 A TIRINHA ENQUANTO GÊNERO DISCURSIVO

O *corpus* selecionado para esta análise é composto por duas tirinhas de Armandinho, personagem de Alexandre Beck, ilustrador e cartunista brasileiro, que iniciou sua carreira no jornal “Diário Catarinense”, posteriormente, passou a trabalhar para jornais como “Folha de São Paulo”, e, desde 2013, divulga suas tirinhas no seu perfil oficial do Facebook, com uma legião de seguidores. Considerando-se a problemática cerne, que é o crescimento, hoje, de uma onda de intolerância à diversidade, o critério para seleção das tiras foi justamente a abordagem temática de conteúdos como diversidade étnica, identidade, representatividade e tolerância religiosa.

Os estudos a respeito dos gêneros não são atuais e remontam aos filósofos clássicos como Platão e Aristóteles. Todavia, os estudos mais recentes de gênero partem das ideias de Bakhtin que aborda a linguagem na relação entre duas dimensões inseparáveis: a da atividade humana e a da utilização da língua (não simplesmente da língua como sistema linguístico, fazendo uma crítica a visão Saussuriana).

É a partir da perspectiva bakhtiniana que estruturamos a fundamentação a respeito da concepção da tirinha enquanto gênero discursivo, visto que das esferas da comunicação vão se formando configurações típicas de uso da língua, ou seja, formas típicas de enunciados. Para Bakhtin (1979/2003, p. 262): “os gêneros do discurso são tipos relativamente estáveis de enunciados”. Na visão dele, tanto o locutor, quanto o interlocutor tem um papel ativo nesta relação com o enunciado.

A partir das lentes bakhtinianas, temos que o enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas da atividade humana, por meio das seguintes características: conteúdo temático (temas que se formam, se constroem e circulam no enunciado), estilo (corresponde a algum traço do enunciado que pode ser associado à identidade do locutor e de seu grupo social) e a construção composicional (disposição formal e linguística do enunciado – a estrutura, o aspecto mais formal).

Conceber o gênero sob a concepção de Bakhtin nos faz refletir que muitas vezes os enunciados carregam consigo sinais linguísticos próprios, que auxiliam na sua identificação. Neste ponto, chamamos a atenção às peculiaridades que revestem a elaboração de uma tirinha

que é um gênero derivado das histórias em quadrinhos, que geralmente é divulgado em jornais, revistas e em páginas da internet.

Quanto à estrutura utilizada para a elaboração/confecção das tirinhas, percebe-se uma organização em quadrinhos ou retângulos, nos quais há uma curta sequência narrativa, com tempo e espaço, fazendo crítica aos valores sociais e instigando reflexões.

Com relação à sua construção composicional, observamos que as tirinhas englobam de forma interativa tanto a linguagem verbal, quanto a visual, podendo ser considerado um gênero multimodal.

As tirinhas têm ultrapassado os limites do humor para alcançar um nível favorável a instigar reflexões sobre assuntos de interesse social. É nessa perspectiva que se destaca a subordinação do sujeito ao ideológico e à sua formação discursiva, onde se depreende que há uma construção, inclusive quando há a constituição de imagens no discurso.

Desse modo, analisando as características presentes no gênero tirinha, podemos considerá-lo enquanto gênero discursivo, a partir da sua estrutura composicional e do seu conteúdo temático, que são inseparáveis dos enunciados e ao mesmo tempo determinados pelas especificidades do gênero conferindo-lhe uma função.

### **3 ARMADINHO: CULTURA, IDENTIDADE E ALTERIDADE NA PÓS-MODERNIDADE**

Armandinho é o personagem principal de uma série de tirinhas do ilustrador e cartunista catarinense Alexandre Beck.

Armandinho nasceu às pressas no dia 9 de outubro de 2009. Beck fora pautado de última hora pelo *Diário Catarinense*, onde atuava desde 2000, para ilustrar uma reportagem sobre pais e filhos. Para cumprir o prazo, o artista resgatou um desenho pré-pronto de outro trabalho de sua autoria, um livro que foi engavetado pela editora e nunca publicado. Traçou uns pares de pernas altas para simbolizar os pais ao lado da curiosa criança boquiaberta. Tempos depois, no dia 17 de maio de 2010, “o menino” conquistou uma coluna fixa no jornal. Para batizá-lo, a redação realizou um concurso entre leitores – venceu a indicação de uma professora que dizia que o garoto estava sempre “armando” algo nas histórias (SAYURI, 2019, REVISTA TRIP ONLINE).

Alexandre Beck iniciou sua carreira no jornal “Diário Catarinense” e, posteriormente, passou a trabalhar para jornais como “Folha de São Paulo”, dentre outros. Chegou a publicar vários livros e, desde 2013, divulga diariamente as tirinhas de Armandinho em seu perfil oficial no Facebook, e, mais recentemente, também no Instagram. Os perfis têm uma legião de



seguidores, que compartilham seu trabalho, espalhando os questionamentos do garoto Armandinho por todas as regiões do país.

As tiras pertencem ao rol dos gêneros chamados “quadrinhos” que, por sua vez, compõem o repertório dos gêneros do cotidiano, nas culturas ocidentais, pois são divulgadas nas mídias de acessibilidade diária. Possuem natureza híbrida por duas razões: 1) transitam entre as esferas artístico-literária e jornalística-midiática; 2) são multimodais, utilizam-se das linguagens verbal e visual.

O personagem Armandinho, um garoto questionador e “antenado” com as coisas que acontecem em seu país, tem seu cotidiano retratado nas tiras, no convívio com os pais, amiguinhos próximos, como Camilo, e colegas da escola, com os quais dialoga sobre diversas temáticas e fatos cotidianos e acontecimentos relevantes. Interessante destacar a estética sônica do seu criador, Alexandre Beck, que, priorizando a perspectiva infantil, limita, nas tirinhas, a representação imagética dos adultos às suas pernas. Não conhecemos as feições dos pais de Armandinho, nem da professora, policiais e guardas, médicos ou de qualquer outro adulto com o qual ele interage e dialoga, apenas as crianças são inteiramente representadas nas tirinhas.

Para compreensão do que vem a ser identidade, é preciso entender duas particularidades da espécie humana: a) somos seres autoconscientes, que têm consciência de si, enquanto uma individualidade situada no espaço e no tempo; b) somos seres não apenas biológicos, mas culturais e simbólicos, norteados por construtos narrativos, inerentemente humanos, como valores, concepções, crenças, normas, padrões, regras, costumes.

Essa autoconsciência (de si) se constrói e se dá na relação em contraste com o outro. Eu me reconheço como pessoa/indivíduo na medida em que me relaciono com o outro, que não sou. Esse processo é um “continuum” que se dá em todas as esferas da práxis humana, e se inicia no ambiente da família, nos primeiros contatos com os pais e outros membros. É na relação e em diálogo com o outro que construímos nossa identidade.

Mas é importante lembrar que a palavra identidade vem de “idem”, que significa “o mesmo”, igual. Isto é, nós nos identificamos com o outro, que se diferencia de nós, enquanto indivíduos, mas que culturalmente nos reflete, uma vez que compartilhamos com ele uma língua, determinadas concepções, padrões de comportamento, costumes, crenças, valores. Isto é, nós nos identificamos com o outro que participa do nosso grupo, com o outro no qual nos reconhecemos. Por conseguinte, é confortável e familiar, por exemplo, relacionar-se com as pessoas com as quais compartilhamos as mesmas crenças, os mesmos gostos musicais, os mesmos costumes, porque há um processo mútuo de identificação.

Todavia, como já comentado, as sociedades (pós-)modernas são marcadas pela pluralidade, pela diversidade étnica, cultural e religiosa, o que nos põe em contato não somente com o outro que nos reflete, que se assemelha a nós e com o qual nos identificamos mutuamente, compartilhando as mesmas crenças, concepções e costumes, mas com o outro culturalmente diferente, que não faz parte do nosso grupo.

A Antropologia é uma área dos saberes ocidentais cujo objetivo é estudar e compreender a espécie humana em sua pluralidade étnica e cultural. Daí, por isso, o conceito antropológico da palavra alteridade, que vem do radical “alter”, que significa “o outro”, não se refere, especificamente, ao outro que nos reflete, mas ao outro diferente, o outro que não pertence a “meu grupo” e no qual não me reconheço, que me causa estranheza. Isto é, a concepção de alteridade para a Antropologia pressupõe a ideia de diversidade.

A grande problemática diante desses pressupostos é: como nós lidamos com esse outro que não nos reflete? É dessa dificuldade de conviver com esse outro diferente, que nos causa estranheza e sensação de desconforto, que surge o preconceito, a intolerância e a xenofobia. Segundo Bhabha (1998, p. 49): “[...] dissenso, alteridade e outridade são as condições discursivas para a circulação e o reconhecimento de um sujeito politizado e uma “verdade” pública.”

A maneira como lidamos com o outro diferente depende da forma como concebemos nossa própria identidade enquanto sujeito. Por conseguinte, para compreender melhor nosso comportamento e nossas reações, é necessário avaliar algumas concepções de identidade.

Stuart Hall (2020) reconhece três concepções de identidade: a) o sujeito do Iluminismo, b) o sujeito sociológico e c) o sujeito pós-moderno:

o sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção de pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou idêntico a ele – ao longo da existência do indivíduo. O Centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa (p.10-11).

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que esse núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com outras pessoas importantes para ele, que mediavam para o sujeito os valores, os sentidos e os símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habita. [...]. De acordo com essa visão, que tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade (p.11).

Argumenta-se, entretanto, que são exatamente essas coisas que estão mudando. O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado: composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas. [...]. Esse processo produz o sujeito

pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma celebração móvel [...]. (p.11).

A concepção de identidade que aqui assumimos e a partir da qual analisaremos as tiras de Armandinho é a do sujeito pós-moderno, uma identidade não-fechada, que se move para o outro diferente, para a diversidade. A questão da identidade será aqui encarada, pois, como um dos polos de uma relação dialética: do outro lado se encontra a alteridade (o outro diferente). A identidade é concebida como processo, em permanente movimento de deslocamento, como uma passagem, como algo que se constrói e desconstrói por meio de variados processos de reterritorialização e desterritorialização. (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

A partir dessa concepção plástica de identidade como processo, que parte da noção de sujeito pós-moderno em movimento e em diálogo com o outro diverso numa sociedade plural, é possível identificarmos-nos não apenas com aquele que nos reflete, mas também com o outro diferente, construindo diálogos com as diferenças, com a diversidade, não necessariamente harmoniosos, mas diálogos possíveis.

Importante perceber que essa concepção de identidade desterritorializada e móvel sustentada na concepção de sujeito pós-moderno, fragmentado, fluido e diverso, se coaduna com a perspectiva epistemológica da teoria dialógica da enunciação, de Bakhtin.

#### **4 POSSÍVEIS VARIAÇÕES DE EFEITOS DE SENTIDO NAS TIRINHAS DE ARMANDINHO**

Como já fora dito anteriormente, as tiras pertencem ao rol dos gêneros chamados “quadrinhos” que, por sua vez, compõem o repertório dos gêneros do cotidiano, nas culturas ocidentais, pois são divulgadas nas mídias de acessibilidade diária. Possuem natureza híbrida por duas razões: 1) transitam entre as esferas artístico-literária e jornalística-midiática; 2) são multimodais, utilizam-se das linguagens verbal e visual.

Considerando o lugar social ocupado pelo enunciador, vemos um ilustrador e cartunista que cria suas tirinhas para serem publicadas em um jornal específico ou, no caso das selecionadas, no seu perfil oficial no Facebook (enunciatórios/receptores – seus seguidores), levando, através do humor e/ou ironia, temas polêmicos para a reflexão e o desenvolvimento do senso crítico do leitor.

Devemos considerar que com o uso cada vez mais frequente das redes sociais e da internet, surge uma nova dinâmica de informações e opiniões, aparentemente mais acessível e

veloz. Por sua vez, temos que ponderar também a intenção das pessoas que expressam suas opiniões, sejam por textos, ou por tirinhas. E nesse contexto, os ilustradores e cartunistas desempenham um papel social considerável e relevante haja vista que seus desenhos e expressões de humor transmitem sentidos e revelam a “verdades” de seus autores, configurando como importantes protagonistas de ocupantes de lugar de fala.

Em “O que quer dizer informar?”, Charaudeau (2006) trata a respeito da informação, que está diretamente relacionada ao ato de comunicação e à utilização da linguagem, através de uma definição empírica mínima de que informar seria o ato de alguém levar (transmitir) algum conhecimento ou assunto a outrem supondo que este não o possui.

Charaudeau menciona ainda que o ato de transmissão da informação sugere uma atitude louvável, altruísta, onde em que se observa um sentimento benevolente de compartilhar conhecimento com alguém, retirando-o da zona do desconhecido, desinformado, etc. Todavia, destaca que referida atitude apresenta alguns problemas consideráveis relacionados ao sujeito transmissor (visto que se desconhece sua intenção ou seus motivos), a natureza do que é e para quem é transmitido, ou ainda, a relação existente entre transmissor e receptor e o que se espera desse ato.

Por esse motivo, chamamos a atenção à responsividade que o ilustrador e cartunista deve atribuir ao seu trabalho, pois ele precisaria considerar os possíveis efeitos que os enunciados podem provocar nos seus interlocutores, imaginado de forma antecipada as plausíveis conclusões para fins de criação do efeito de sentido esperado.

Nesse sentido, partiremos para a análise das tirinhas escolhidas, ambas retiradas do perfil oficial de seu criador no Facebook (<https://www.facebook.com/tirasarmandinho>), nas quais abordaremos duas temáticas: diversidade e (in)tolerância religiosa (que, por sua vez, tem a ver com liberdade de crença) e cultural.

Bhabha (1998, p. 43) aponta suas reflexões sobre o discurso colonial perpassando as relações binárias (homem e mulher, branco que escraviza o negro, bárbaro e civilizado) e para além da oposição sujeito/objeto.

Existe uma pressuposição prejudicial e autodestrutiva de que a teoria e necessariamente a linguagem de elite dos que são privilegiados social e culturalmente. Diz-se que o lugar do crítico acadêmico e inevitavelmente dentro dos arquivos eurocêntricos de um ocidente imperialista ou neocolonial. Os domínios olímpicos do que e erroneamente rotulado como "teoria pura" são tidos como eternamente isolados das exigências e tragédias históricas das condenados da terra. Será preciso sempre polarizar para polemizar? Estaremos presos a uma política de combate onde a representação das antagonismos sociais e contradições históricas não podem tomar outra forma senão a do binarismo teoria versus política? Pode a meta da liberdade de conhecimento ser a simples inversão cia rela\=ao opressor e oprimido, centro e

periferia, imagem negativa e imagem positiva? Será que nossa única saída de tal dualismo e a adoção de uma oposicionalidade implacável ou a invenção de um contra-mito originário da pureza radical?

Dessa forma, ao falar de sujeito, Bhabha nos propõe a pensar na construção dos discursos de poder, passando pela constituição de sujeitos culturais híbridos, e nos demonstra também que quando falamos em cultura, podemos pensar na estreita relação e oposição entre o sujeito e cultura.

Em um país como o Brasil, no qual se tem uma diversidade cultural e religiosa, deve-se compreender a multiplicidade de territórios, culturas e ideologias. Nessa perspectiva, passaremos a analisar a primeira tirinha que tem dois quadrinhos, em que encontramos Armandinho e três crianças, nesta ordem, respectivamente, da esquerda para a direita: Fê, sua melhor amiga, uma garotinha ruiva; Camilo, seu melhor amigo, um garotinho negro; seu amiguinho indígena; e, por último, Armandinho, um garotinho branco cujo cabelo, inusitadamente, é azul.

**FIGURA 1**



**Fonte:** Página Armandinho no Facebook

Em uma análise inicial, percebemos que a forma como a tirinha foi construída/elaborada possibilita muitas interpretações, não estando fechada em um único conceito pré-constituído, sendo um claro exemplo opacidade da língua. Compreender esse sistema interativo e os mais diversos efeitos de sentidos que sempre estão em movimento, expansão e desenvolvimento, atingindo um número de pessoas indeterminado não é tarefa das mais fáceis.

Em um primeiro momento poder-se-ia pensar que Armandinho estava alheio ao que fora dito anteriormente pela irmã e pelos amigos, como um indivíduo desatento, descuidado e/ou (apenas) despreocupado com o diálogo dos demais. A “pausa” entre um quadrinho e o outro poderia sugerir isso, pois traz uma ideia de lacuna de pensamento, de ausência, de vazio, etc.

Outra possível análise nos traz a ideia de que não encontramos, nessa tirinha, uma concepção ultrapassada de raça, vinculada às diferenças de cor e outras características fenotípicas, mas a concepção antropológica de etnia, atrelada às diferenças culturais: cada um possui sua própria crença, sua religião. Fê, a garotinha branca, é cristã e se refere a “Deus”; Camilo, um garotinho negro faz referência a “Olodumare”, divindade de matriz afro-brasileira; o garotinho indígena faz referência a “Ñanderu”, ou Nhanderu, um deus guarani.

A composição do povo brasileiro, como cediço, tem a contribuição das etnias autóctones – os indígenas; de etnias de matriz africana – negros escravizados pelos colonizadores; e etnias europeias, sobretudo, portugueses, espanhóis e italianos. Não estamos falando aqui do mito ufanista da união democrática das três raças. Ao contrário, para analisar esta tirinha numa perspectiva dialógica, é fundamental encarar as contradições que estão no cerne da nossa formação: o genocídio de indígenas, o racismo, a escravização de seres humanos, violência e exploração viabilizadas por relações de opressão e dominação.

A palavra diversidade, em sentido amplo, significa “variedade”, “heterogeneidade”. No campo dos estudos antropológicos, a palavra diversidade tem relação com a noção de pluralidade étnica. Sempre que falamos em humanidade, deveríamos falar em humanidades, no plural:

[...] aquilo que os seres humanos têm *em comum* é sua capacidade para se *diferenciar* uns dos outros, para elaborar costumes, línguas, modos de conhecimento, instituições, jogos profundamente diversos; pois se há algo *natural* nessa espécie particular que é a espécie humana, é sua aptidão à variação *cultural* (LAPLANTINE, 1998, p.22, grifos do autor).

Ou seja, uma das principais características da espécie humana é a sua capacidade de ser plural. Por isso, falamos em “humanidades”. Cada cultura é, em verdade, uma humanidade. Essa pluralidade não se deve, apenas, a uma espécie de mosaico de cores (de pele), mas de múltiplas possibilidades de subjetivação, múltiplas crenças, múltiplos costumes, múltiplas sociabilidades. Para Bauman (2013, p. 11/12): “a cultura agora é capaz de se concentrar em atender às necessidades dos indivíduos, resolver problemas e conflitos individuais com os desafios e problemas da vida das pessoas”.

Ademais, pode-se pensar no convívio e no diálogo do personagem com a diversidade cultural brasileira, que podemos aqui chamar de brasilidade. Uma concepção de diversidade como pluralidade cultural: não se trata de uma representatividade meramente racial – de cor de pele, mas étnica. E é importante lembrar que, muito mais do que uma representatividade

ilustrativa, pode-se pensar em um respeito a essa diversidade e uma convocação à tolerância religiosa, uma vez que cada um expressa sua crença e é respeitado pelos demais.

Nesse sentido, a ideia de identidade que subjaz nesta tirinha é a do sujeito pós-moderno, uma identidade concebida como processo em contínua construção a partir do diálogo com o outro diferente. Uma noção de identidade fluida e móvel, não fechada em si mesma, mas aberta para o outro, para a alteridade.

Importante dizer que essa concepção, fluida e móvel, vai de encontro à concepção de identidade engessada e fechada em si mesma, a partir da qual há uma identificação apenas com o outro que nos reflete, com o outro que pertence ao nosso grupo. Uma identidade tribal, como alerta Bernd (1992, p. 96):

[...] o risco que carregam os fanatismos identitários, gerando intolerâncias, ressentimentos, integrismos e até guerras. Aos sentimentos de fechamento sobre si próprios, o que leva a um comportamento tribal, fazendo com que as pessoas considerem que o mundo termina nos limites de sua tribo.

Igualmente, poder-se-ia refletir, também, nesta tirinha, uma noção de igualdade. Mas uma concepção de igualdade que se dá numa perspectiva democrática, de um Estado Democrático de Direito: um tratamento isonômico diante do Estado e das leis (ao menos em tese), mas garantindo a diversidade e o direito à diferença individual e étnica.

Todavia, há outra questão importante, além da diversidade (mas a ela relacionada), que chama a atenção nesta tirinha. Pela leitura e interpretação dos ditos e também dos “não-ditos”, levando-se em consideração a dinâmica dos costumes, deduzimos que ambos, Armandinho e seus amigos, estão se despedindo de alguém que está indo embora, e, como é culturalmente próprio no Brasil, as pessoas desejam umas às outras, como expressão de cuidado, a proteção divina: “vá com Deus”. No primeiro quadrinho, todos expressam seu desejo de acordo com sua religião e suas crenças, menos Armandinho. Surpreendentemente, após um silêncio, que levanta um leve suspense, ele diz: “leve um casaquinho”. Poderíamos concluir que Armandinho é ateu, ou seja, não crê em uma divindade, não segue religião. E isso não o impede de expressar cuidado e afeto para com o outro.

Nesse sentido, importante perceber que, dentro de uma diversidade étnica e de pluralidade de crenças, Armandinho, nesta tirinha, poderia representar o direito de não crer, de não seguir religião. E essa representatividade se dá em observância às diferenças, pois o ateu não é aqui representado como uma pessoa “desumana”, “monstruosa”, que é a ideia que povoa o senso comum no imaginário da sociedade brasileira em se tratando de um ateu, mas alguém que, independentemente de crença, tem empatia para com o próximo, expressa cuidado.

Diante dos diferentes e variados efeitos de sentido possíveis, vê-se que a compreensão por parte do enunciatário pode ser diferente do esperado pelo enunciador, isso pode acontecer por muitos fatores que engloba a sua formação enquanto ser no mundo, possuidor de ideologias, crenças, traços culturais etc.

Assim, percebemos que o ideal do ponto de vista do enunciador para fins de compreensão, estaria relacionado à imaginação e à intuição levadas em consideração do processo de criação, bem como ao entendimento prévio, pelos interlocutores, sobre assuntos semelhantes ao criador. Todavia, a compreensão é um produto complexo da atividade humana e não fechado.

Tecidas essas considerações, passaremos para a análise da segunda tirinha que foi construído em três quadrinhos: no quadrinho do centro, encontramos Armandinho dialogando com uma criança indígena; do lado esquerdo, temos um quadrinho que representa o lugar do garotinho indígena, um rio arrodado de verde; do lado direito, temos a realidade de Armandinho, prédios amontados, estruturas próprias das grandes cidades nas culturas ocidentais.

**FIGURA 2**



Fonte: Página Armandinho no Facebook

Nesta tirinha também podemos identificar diferentes e variadas formas de construção de sentido. Do ponto de vista temporal, podemos relacionar à época da pandemia do COVID, uma vez que os personagens estão com máscaras e um deles com protetor facial. Mas em um primeiro momento, buscamos relacionar aos acontecimentos e aos reflexos da pandemia, no Brasil e não conseguimos algo palpável para auxiliar no processo de compreensão. Apenas divagações.

Partimos para análises dos quadrinhos de forma isolada, uma das possíveis compreensões levou em consideração as características do gênero tirinha, que possui cunho



humorístico, as vezes político e com um tom ambíguo. Assim, poder-se-ia imaginar uma possível crítica a vida nas grandes cidades, sem cor, sem água, sem vida.

Poder-se-ia igualmente perceber uma temática da diversidade, uma vez que Armandinho está dialogando com uma criança indígena, ou ainda, uma concepção de identidade como processo, em diálogo com a alteridade. Armandinho não somente está conversando com um garotinho indígena, mas está aprendendo com ele, em silêncio, exercitando a escuta do outro, aberto às suas experiências. “Para o nosso povo, o rio é vivo, é vida... é sagrado. Os rios nos fornecem alimento... água para beber, tomar banho, brincar”, diz o garotinho indígena, mostrando para Armandinho outra possibilidade de existência humana, outra forma de enxergar as coisas, pois, para os povos indígenas, a natureza não se restringe a recursos disponíveis a serem explorados conforme nossas necessidades e ambições econômicas. Os povos indígenas mantêm com a natureza um vínculo sagrado.

Desse modo, a tirinha pode deslocar a perspectiva etnocêntrica das culturas ocidentais, acostumadas a assumir o lugar de fala e a ditar padrões, colocando-as no lugar do silêncio e da escuta do outro a partir de Armandinho, seu representante. Por conseguinte, aponta para questões que, geralmente, ignoramos: o distanciamento da natureza, que nosso estilo de vida nos impõe; a sua destruição, causada por nossas ações. O diálogo de Armandinho com o garotinho indígena poder suscitar nos interlocutores desconforto e sensação de perda. O diálogo com o outro diferente, com a alteridade, na maioria das vezes, é um processo de desconstrução de nossas verdades (ou ilusões), impondo-nos o olhar crítico sobre nós mesmos.

## CONCLUSÃO

Partindo da perspectiva de que o discurso vai além da junção de palavras revestidas de significados, o processo de produção de sentidos engloba múltiplos aspectos, devendo-se ainda considerar que a linguagem não é autoexplicativa ou cristalina.

Assim, o que é dito (ou não dito) está atrelado a algumas questões essenciais (consideradas condições restritas ou imediatas de produção) a sua real compreensão, tais como: quem diz ou não diz? para quem diz ou não diz? por que ou para quem diz ou não diz? como e o que diz ou não diz? quando diz ou não diz? Todos esses questionamentos estão relacionados a um sistema que engloba o sujeito (não empírico), o contexto histórico e ideológico, as experiências de vida, as convicções políticas, a memória e as crenças religiosas.

Como podemos constatar a partir das análises, os sentidos produzidos nas tirinhas de Armandinho não estão limitados e aprisionados à estrutura dos sistemas utilizados na sua construção, isto é, da língua e das linguagens verbal e visual. Confirmando as teorias dialógicas de Bakhtin, os sentidos partem da estrutura, mas se materializam na interlocução com os saberes compartilhados na dinâmica da vida social em interação com o outro: conceitos, concepções, valorações, significações, experiências, conhecimentos prévios. Nenhum dizer pode ser interpretado isoladamente, mas como um elo dentro de uma cadeia infinita de dizeres, muitas vezes, conflitantes e contraditórios.

Em meio a uma conjuntura social de intensificação da intolerância e do preconceito, em todas as suas formas de manifestação, eis que Armandinho, o garotinho de cabelo azul, surge para nos falar de diversidade, de alteridade e da escuta do outro. Por trás das tiras de Alexandre Beck, está uma concepção de identidade que não exclui a alteridade; uma concepção pós-moderna de identidade, plástica, fluida, aberta para a diversidade e em diálogo com ela. Uma concepção de identidade como processo de (re)significação e (re)construção constante de si e do outro a partir do diálogo e da troca de saberes e de vivências.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. VOLOCHINOV [1929]. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 11.ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Loureiro, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BERND, Zilá. **Literatura e Identidade nacional**. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

BERND, Zilá; LOPES, Cícero (Orgs.). **Identidade e estéticas compósitas**. Conoas/Porto Alegre: UFRGS, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick. **O que quer dizer informar?** CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução de Angela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France**, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 12. ed. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

HALL, Stuart. **Identidade e cultura na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**. Campinas: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. **Análise do discurso – princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2001.

- \_\_\_\_\_. **Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.** Petrópolis: Vozes, 1996.
- \_\_\_\_\_. **A leitura e os leitores.** Campinas, SP: Pontes, 1998.
- \_\_\_\_\_. **A História não existe?** In: ORLANDI, E. (Org.). Gestos de leitura. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Texto e Discurso.** Disponível em <<https://seer.ufrgs.br/organon/article/viewFile/29365/18055>> acesso em 26 de fevereiro de 2021.
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento?** 2 ed. Campinas: Pontes, 1997.
- POSSENTI, Sírio. **Notas um pouco céticas sobre hipertexto e construção de sentido.** Paraná: Educar em Revista, 2002. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/237025068\\_Notas\\_um\\_pouco\\_ceticas\\_sobre\\_hipertexto\\_e\\_construcao\\_de\\_sentido](https://www.researchgate.net/publication/237025068_Notas_um_pouco_ceticas_sobre_hipertexto_e_construcao_de_sentido)> Acesso 26 de fevereiro de 2021.
- \_\_\_\_\_. **Observações sobre Interdiscurso.** Disponível em: <[http://www.letras.ufmg.br/padrao\\_cms/documentos/nucleos/nad/POSSENTI%20-%20Observa%C3%A7%C3%B5es%20sobre%20o%20Interdiscurso.pdf](http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/nucleos/nad/POSSENTI%20-%20Observa%C3%A7%C3%B5es%20sobre%20o%20Interdiscurso.pdf)> Acesso em 17 de fevereiro de 2019.
- SAYURI, Juliana. **O pai do menino de cabelo azul.** In: Revista Trip. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/trip/o-pai-do-armandinho-o-menino-de-cabelo-azul-que-reflete-sobre-arte-a-politica-e-direitos-humanos>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2021.

**Artigo enviado em:** 01/02/2020

**Artigo aceito para publicação em:** 10/03/2020